CRAIDY, C., KAERCHER, G.E. (org). Educação Infantil – pra que te quero? São Paulo: Artmed, 2001.

DANTAS, H. A infância da razão: uma introdução á psicologia da inteligência de Henry Wallon. São Paulo: Manole, 1990.

DEL RIO, M. J. – Psicoeducação da linguagem oral, um enfoque comunicativo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

EDWARDS, C; GANDINI, L. As cem linguagens da criança: as abordagens de Reggio Emile. Porto Alegre: Artmed, 1999.

EVANGELISTA, A. A. M. (org.). A Escolarização da Leitura e alfabetização matemática Literária: O jogo do livro infantil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FERREIRO, E. Cultura escrita e educação. São Paulo: Artmed, 2001.

FERREIRO, E. Deve-se ou não ensinar a ler e escrever na pré-escola? Revista Escola Municipal, SME. São Paulo, ano 18, n° 13, 1985 pág. 44.

FREIRE, P. Educação e Mudança. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. Educação da Autonomia: Saberes Necessários á Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975.

FREITAS, M. C. (org.). História Social da Infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.

FOUCAMBERT, J. A Criança, o Professor e a Leitura e alfabetização matemática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GADOTTI, M. História das Idéias Pedagógicas. São Paulo: Ática, 2003.

GOES, M. C. & SMOLKA, A, L (orgs) A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação. Campinas: Papirus, 1997.

JUNQUEIRA FILHO, G. A. Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação Infantil. Porto Alegre: Mediação, 2006.

RIOS, T. A. Projeto Pedagógico: Construção Coletiva. In: Seminário de Atualização Pedagógica. Bragança Paulista: USF, 1998.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. ET alii. Os Fazeres na Educação Infantil. São Paulo:Cortez, 1998.

UNESCO. O perfil dos professores brasileiros. O que fazem? O que pensam? O que almejam? São Paulo: Moderna, 2004.

VYGOTSKY, L. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

# A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO

ANA CRISTINA MARTINEZ

**RESUMO**:

O presente trabalho visa promover reflexões a respeito da importância da literatura e da arte de contar histórias como potencializadoras da aquisição da aprendizagem infantil. Além de ser um veículo de informação e lazer, a arte de contar histórias direciona o pensamento das crianças, dando suporte para que elas sejam mais argumentativas e interajam de maneira significativa com o mundo que as cerca, tornandose assim, agentes de modificação da sociedade na qual estão inseridas. São muitos os obstáculos para resgatar a valorização da literatura e da contação de histórias, porém eis uma tarefa importante para qualificar o desenvolvimento infantil. A metodologia utilizada para essa reflexão foi bibliográfica, com apontamentos pertinentes de estudiosos e pesquisadores da área. Assim, há todo um interesse em refletir sobre a necessidade de articulação das práticas pedagógicas aos trabalhos com a literatura e com a arte de contar histórias.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Histórias; Literatura.

## INTRODUÇÃO

O currículo da educação infantil contempla diferentes e variadas linguagens que enriquecem a bagagem cultural dos alunos. A arte de contar histórias se caracteriza como um rico instrumento de produção do conhecimento pelas crianças, pois o universo da literatura infantil permeia grande parte das práticas pedagógicas na infância.

Nesta perspectiva, essa temática ressalta a importância de ler e contar histórias para as crianças, enriquecendo o desenvolvimento social e humano dos alunos e propondo desafios relevantes para a formação da personalidade infantil e para a interpretação do mundo.

O ato de contar histórias instrui, socializa e diverte as crianças. É uma ferramenta que desperta o interesse pela leitura, ajuda no desenvolvimento psicológico e moral, auxiliando na manutenção da saúde mental das crianças em fase de desenvolvimento, amplia o vocabulário e o mundo de ideias, desenvolvendo a linguagem e o pensamento, trabalha a atenção, a memória e a reflexão, desperta a sensibilidade, a descoberta da identidade, adapta as crianças ao meio ambiente.

Assim como desenvolve funções cognitivas para o pensamento como compara-

ção, raciocínio lógico, pensamento hipotético e convergente e divergente. A organização geral dos enredos possui um conteúdo moral que colabora para a formação ética e cidadã das crianças. Para Abramovich (1997, p.22):

Se é importante para o bebê ouvir a voz amada e para a criança pequenina escutar uma narrativa curta, simples, repetitiva, cheia de humor e de calidez (numa relação a dois), para a criança de pré-escola ouvir histórias também é fundamental (agora numa relação a muitos: um adulto e várias crianças), (ABRAMOVICH, 1997, p.22).

Incluir a narração de histórias na rotina da educação infantil, ajuda no desenvolvimento do trabalho do educador, pois auxilia na aprendizagem da criança, fazendo uso do lúdico no momento do ensino.

A literatura por si só já carrega consigo uma gama muito grande de ensinamentos e encantamentos que fazem com que a criança comece a se apaixonar pelo hábito da leitura. Com a leitura dos contos de fadas, desde a Educação Infantil, o educador coopera com o desenvolvimento do processo de formação da criança, tendo como foco principal o despertar do gosto pela leitura.

A leitura na Educação Infantil mostrou-se como um dos fatores fundamentais, por meio do quais a criança busca sua concretização como pessoa humana, pois, em seu descobrir a vida, ela se apresenta sôfrega por encontrar e aprender sempre mais acerca da realidade em que vive, fascinando-se com os enigmas que a colocam mais próxima do mundo exterior que a permeiam, por meio dos emblemas existentes em cada gênero textual e da leitura, principalmente quando se fala em contos de fadas.

Por meio deste trabalho monográfico, espera-se que haja subsídios que ajudem na compreensão da importância da literatura nos anos iniciais da Educação Infantil, principalmente da leitura de contos de fadas, e que a ideia de incutir nas crianças o amor pela leitura, desde cedo, finque raízes na inesgotável fantasia daqueles que procuram orientar-se a respeito da concepção da relevância de uma escolha literária a ser lida e apreciada.

A matéria-prima da Educação - a criança - tem de ser o foco dos que esperam ir além da proposição de uma simples aula, alcançando uma prática docente eficaz e exemplo daquele que seguem na busca de uma Educação de Qualidade. Tendo este horizonte em vista, a literatura, junto com a leitura dos contos de fadas, será a grande norteadora para que o educador chegue ao destino planejado.

Ressaltar o papel da literatura na formação escolar das crianças, destacando suas potencialidades no processo de aquisição da aprendizagem. É por meio do contato com a literatura e com a arte de contar histórias que a criança amplia seu vocabulário e passa a refletir sobre o que acontece ao seu redor.

A CONTAÇÃO

Segundo estudos de Abramovich (1997), a contação de histórias para crianças é, com certeza, uma das primeiras maneiras de transmitir conhecimento e estimular a imaginação dos alunos. Por essa razão, a prática de contar histórias pode, e deve ser usada nas escolas, principalmente no segmento da educação infantil.

A atividade colabora com a reformulação do espaço de sala de aula, incentiva a criatividade e a manifestação de diversas formas de expressão. É uma prática pedagógica que colabora para o desenvolvimento da escrita e da oralidade, além de desenvolver a percepção de representações simbólicas (ABRAMOVICH, 1997).

A arte de contar histórias está presente na sociedade há muito tempo. A oralidade é um mecanismo antigo de propagação cultural. Por meio dela expressamos sentimentos, conhecimentos e experiências. A contação de histórias, em seu sentido mais amplo, é um mecanismo muito importante de manutenção de histórias e costumes. A maneira como as histórias são contadas também colabora para seu impacto nas pessoas. A entonação da voz, por exemplo, pode definir a forma como a informação será recebida e repassada (ABRAMOVICH, 1997)

Ao ouvir ou ler uma história a criança pode fazer associações das suas próprias vivências. O processo de identificação com as situações presentes nas histórias faz com que a criança desenvolva meios de lidar com suas dificuldades, sentimentos e emoções (ABRAMOVICH, 1997).

Esta ação é um estímulo à memória, porque resgata as experiências de cada aluno. Seja por meio da bagagem cultural ou de vida, o aluno consegue relacionar o texto com as histórias que atravessam sua família. É o primeiro passo para que a criança encontre na leitura um espaço para relações de memórias e afetos, além das possibilidades criativas

(ABRAMOVICH, 1997).

A leitura é algo enriquecedor na formação do indivíduo. Além de ampliar o vocabulário e os campos de conhecimento, a leitura é um grande exercício para a imaginação. Ao ouvir uma história com atenção a mente humana tende a projetar no campo da imaginação o enredo da mesma. O mesmo acontece com leitura (ABRAMOVICH, 1997).

A convivência com a oralidade desde muito cedo pode aguçar o desejo pela leitura. E, nesse sentido, o universo de criatividade e curiosidade é expandido. A contação de his-

tórias envolve o livro e demonstra, na prática, os caminhos infinitos que a leitura abre à mente (ABRAMOVICH, 1997).

Engana-se quem acha que ouvir histórias é um ato de recepção. As reações que temos ao ouvir histórias contribuem, por exemplo, para trocas de visões de mundo. A contação de histórias está sempre aberta para o compartilhamento de opiniões e vivências de cada um. E, nesse sentido, ela invoca as formas individuais de expressão e observação do mundo (ABRAMOVICH, 1997).

Além de conduzir a leitura, o professor pode incentivar a participação dos alunos, com a leitura interpretativa e desenvolvimento de expressões diversas. O uso de recursos dramáticos e cenográficos pode dar ainda mais liberdade para que a história esteja por toda a sala de aula e para que os alunos embarcam na narrativa.

A própria temática da história pode abrir espaço para que os alunos falem sobre temas que envolvem sua vida escolar, como o bullying. Nas turmas mais novas, a possibilidade de expressão e de interação com assuntos direcionados às relações humanas pode evitar problemas de convivência (ABRAMOVICH, 1997).

A contação de histórias permite, desde cedo, o contato com as diversas linguagens e formas de narrar um acontecimento. Se as experiências pessoais de cada criança colaboram para forma como elas percebem e valorizam cada situação numa história, elas também colaboram com a construção do imaginário (ABRAMOVICH, 1997).

Esse processo é muito importante para a interpretação textual dos alunos. Com a expressão de um texto, podemos perceber as diversas informações guardadas nas entrelinhas e as diversas maneiras de expressá-las.É importante quebrar algumas barreiras na contação de histórias. Precisamos constantemente relembrar as diversidades de cada aluno e partilhar dessas vivências. Podemos contar histórias em inglês, espanhol e em Libras! (ABRAMOVICH, 1997).

A segunda língua oficial do Brasil é muito expressiva e colabora para a inclusão linguística do aluno surdo. Sugerimos a presença do intérprete de Libras para apresentar uma poesia ou uma história. As Libras são interessantes para demonstrar a forma mais antiga de fala que o homem carrega: a expressão corporal. Podemos usar a criatividade da nossa comunicação integrando as diversas maneiras de falar: com a boca, com as mãos e com o corpo (ABRAMOVICH, 1997).

## A LITERATURA E A SUA IMPORTÂNCIA

Como fonte inesgotável de aprendizagem e de sentimentos mágicos, que despertam em cada criança sensações muitas vezes inesquecíveis, a literatura traz consigo toda magia que há na vida, fazendo com que quem a lê consiga ter um universo enorme de imaginação e fantasia.

Neste horizonte, encontra-se o professor, o qual terá como incumbência incutir na mente de cada aluno seu prazer pela leitura e mostrar a eles cada sensação que pode ser despertada por meio da leitura de inúmeros gêneros literários, particularmente dos contos de fadas. Abramovich (1995) mostra o que pensa acerca do ouvir histórias desde a Educação Infantil, quando afirma que: “O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto!” (ABRAMOVICH, 1995, p. 23).

Segundo as palavras do autor, fica a ideia de que numa simples criação textual podem surgir sentimentos ainda não aflorados acerca da literatura e de tudo que implica este momento. Almeida (1997), por sua vez, disserta que o professor tem o papel primordial para o desenvolvimento lúdico de seu aluno. Tal ideia pode ser vista em suas seguintes palavras:

A esperança de uma criança, ao caminhar para a escola é encontrar um amigo, um guia, um animador, um líder – alguém muito consciente e que se preocupe com ela e que a faça pensar, tomar consciência de si e do mundo e que seja capaz de dar-lhe as mãos para construir com ela uma nova história e uma sociedade melhor (ALMEIDA, 1997, p. 195).

Desta forma, também fica claro que educador tem um papel extremamente relevante como formador de ideias e isso o ajuda muito ao preparar o aluno para adentrar no mundo da literatura e ao fazer com que seu aluno passe a gostar deste mundo.De acordo com as palavras de Bettelheim:

O conto de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual. A criança precisa ser exposta a essa linguagem, e deve aprender a prestar atenção a ela, se deseja chegar a dominar sua alma (BETTELHEIM 1980, p. 197).

Bettelheim (1980) mostra claramente com suas palavras que, ao contrário de que muitos pais pensam - a maldade e a punição não podem trazer para a criança muito ensinamento – os quais devem sim serem demonstradas nos contos de fadas e serem usadas como modelos de tudo que seria certo ou errado. Isso pode ser visto em:

Os adultos frequentemente acham que a punição real de uma pessoa malvada nos contos de fadas perturba e amedronta as crianças desnecessariamente. O oposto é verdadeiro: esta retribuição assegura à

criança que cabe castigar o crime. A criança muitas vezes se sente injustamente tratada pelos adultos ou pelo mundo em geral e parece-lhe que nada é feito a esse respeito. Na base de tais experiências apenas, ela deseja que aqueles que a enganam e a desagradam – como a criada impostora engana a princesa nesta estória – seja punida severamente. Não sendo assim, a criança acha que ninguém está pensando seriamente em protegê-la, mas quanto maior a severidade com que se lida com os maus, tanto mais segura se sente a criança (BETTELHEIM 1980, p.174).

Por ser de cunho moral, os contos de fadas conseguem despertar nas crianças traços pessoais que serão norteadores do caráter infantil, tornando-se assim, de suma importância na Educação Infantil. Segundo os pensamentos teóricos de Abramovich (1993), acerca das histórias infantis:

É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das soluções, que todos atravessamos e vivemos de um jeito ou de outro, através de problemas que vão sendo defrontados, enfrentados ou não, resolvidos ou não pelos personagens de cada história – cada um a seu modo... E assim esclarecer melhor os nossos ou encontrar um caminho possível para resolução delas (ABRAMOVICH 1993, p.17).

## A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

As narrativas passadas de geração em geração por intermédio da linguagem oral são heranças de muitos povos e nações. Assim, a cultura popular se consagrou com as características locais que deram origem aos contos, mitos e lendas populares.

No decorrer do tempo, com o avanço das tecnologias, a arte de contar histórias deixou de se expandir um pouco, da mesma forma que o hábito da leitura também ocupa menos espaço na vida cotidiana dos alunos. O conhecimento acumulado pela humanidade precisa ser recuperado e transmitido por intermédio da arte de ler e de contar histórias.

No entanto, ler e contar histórias resguardam características singulares. Autores e estudiosos do tema ressaltam que há algumas diferenças entre ler, contar e representar histórias, mesmo que ambas envolvem uma preparação. Para ler uma história, o narrador se apoia no livro, já o ato de contar história depende da memória do contador.

O gosto pela leitura se constrói com hábitos e a utilização da contação em sala de aula faz com que todos saiam ganhando. O primordial é que durante estes momentos a aquisição de saberes e informações ocorra de modo significativo na vida das crianças.

Historicamente, o contador de histórias teve muitos méritos no âmbito da literatura infantil e seu reconhecimento foi conquistado paulatinamente. No entanto, esse prestígio diminuiu em detrimento da inserção do uso das mídias e da tecnologia no espaço escolar.

Para contar uma história, é necessário o uso de diversos recursos e também é importante a consideração da faixa etária para a composição das narrativas. O roteiro para se iniciar a contação de uma história começa com a escolha criteriosa e cuidadosa do texto, pela leitura do dito e não dito do texto.

Se a criança tiver modelos de referências na arte de contar histórias, ela manifestará com mais autonomia suas expressões e opiniões. O encantamento e a fantasia dependem muito do desenvolvimento dessas posturas.

O contador de histórias tem o importante papel de estimular a motivação e adquirir a atenção das crianças para deixar fluir a imaginação. Por isso, a prática da leitura em sala de aula é recomendada como uma atividade diária, possibilitando um percurso de aprendizagem pleno de descobertas.

A arte de contar histórias promove a oportunidade de as crianças acessarem diferentes aspectos da vida, ampliando seu olhar para o mundo e compreendendo-o de distintas maneiras. O imaginário delas é enriquecido com elementos que permitem um diálogo interno e uma interlocução com as demais pessoas ao seu redor.

Nesse sentido, as crianças melhoram sua autoestima, passam a ter mais confiança em si mesmas e se tornam mais criativas e proativas. Elas necessitam de desafios, de situações problemas nas quais se envolvam com a construção do conhecimento e também para que se tornem sujeitos investigadores, ávidos pelo prazer de descobrir e redescobrir coisas.

A arte de contar histórias proporciona à criança possibilidades de fazer diferentes leituras do mundo, podendo criar e imaginar situações que a faça estabelecer relações consigo própria e com o mundo que a cerca. A história proporciona o desenvolvimento da criatividade, possibilita o desenvolvimento da autoestima e da confiança da criança.

A contação de histórias propõe a ampliação do vocabulário infantil e auxilia a resolução de conflitos que ocorrem nas salas de aula, pois ela fornece pistas das inquietações e angústias que abrangem os conflitos entre as crianças, de modo que o professor os acolha com empatia.

No contexto da literatura, pode-se dizer que ela exerce objetivos voltados ao desenvolvimento cultural, refinando o diálogo e a comunicação das crianças. Nesse sentido, elas veem e pensam sobre a leitura e relacio-

nam suas hipóteses com a interpretação que fazem sobre o mundo ao seu redor.

A pessoa que está narrando precisa sentir a emoção nesse processo, interpretando a história lida como algo real, vivenciada por ela, para que assim possa chamar a atenção e mobilizar o prazer do aluno em ouvir. Àfinal, contar histórias é desvelar o universo cultural e afetivo dos ouvintes, proporcionando um encantamento que não se encerra em si.

Vale lembrar que a leitura trata também de um processo extenso de construção de sentido, que compreende as diversas linguagens, musical, corporal, teatral, artística, dentre outros que fazendo parte do contexto da Educação Infantil:

O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto! (ABRAMOVICH, 2008, p.23).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de histórias é uma prática muito antiga e de grande relevância para a história da humanidade. Documenta-se que, antes mesmo da escrita ser inventada, já havia o costume de utilizar o conto oral como instrumento de transmissão de conhecimento.

Através dessa tradição oral muitas sociedades conseguiram preservar a sua cultura, e, consequentemente, deixaram um rico legado de saberes, crenças e tradições, pois cada geração tinha o dever de contar as histórias para as gerações seguintes Busatto (2003) E Patrini (2005):

O conto oral é uma das mais antigas formas de expressão. E a voz constitui o mais antigo meio de transmissão. Graças à voz, o conto é difundido no mundo inteiro, preenche diferentes funções, dando conselhos, estabelecendo normas e valores, atentando os desejos sonhados e imaginados, levando às regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados (PATRINI, 2005, p.118).

Podemos dizer que a contação de histórias se configura como um ato de resistência e de preservação identitária, pois, mesmo com o advento de novas tecnologias de informação e comunicação, é um processo que perdura até os dias atuais e que ocorre em diversos ambientes de socialização, especialmente no núcleo familiar e na escola. A formação de professores é um componente importante no desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para ao desenvolvimento do trabalho com a literatura infantil na sala de aula.

Sendo a criança, um ser ativo e construtor de conhecimento, entendemos que essa construção acontece mediante as relações sociais estabelecidas com o meio durante toda a vida e na escola com seus pares e com os estudos sobre professores, portanto, a ação docente é um fator de destaque na formação de leitores desde a mais tenra idade da criança. Consideramos, pois, que as interações sociais exercem grande influência sobre o desenvolvimento do indivíduo em todos os seus aspectos.

A arte literária é um mecanismo social de formação integral da criança, que traz em seu conteúdo valores morais, costumes e crenças da história da humanidade, revelando-nos através dos tempos suas forças de propagação entre os povos. Fato esse comprovado nas vivências observadas com a prática da literatura infantil.

## REFERÊNCIAS


ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e bobices. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.

BOMTEMPO, Luzia. Alfabetização com Sucesso. 2ª ed., Contagem: Oficina Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Coordenação Geral de Educação Infantil Literatura na educação infantil: acervos, espaços e mediações / Mônica Correia Baptista... [et al.], org. Brasília: MEC, 2015.

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

COELHO, Betty. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1999.

_____. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. O Conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. Panorama histórico da Literatura Infantil/Juvenil. São Paulo: Ática, 1991.

CORSO, M.; CORSO, D. L. Fadas no divã. A psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 42. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. A importância do ato de ler. 47. ed., São Paulo: Cortez, 2005.

GAGLIARDI, Eliana; AMARAL, Heloisa.